

SUMÁRIO:

- ✓ EDITORIAL
- ✓ SEGUNDO TEILHARD DE CHARDIN :
A EVOLUÇÃO E O DESTINO HUMANO
Laurent Drillon
- ✓ TEILHARD DE CHARDIN
«par lui-même» :
MONOGENISMO E MONOFILETISMO
- ✓ TEILHARD DE CHARDIN
E A CHINA :
Colóquio comemorativo dos 90 anos da chegada de Teilhard à China
- ✓ AAPTCP - Actualidades
- ✓ ORANDO com Teilhard
« La Vie Cosmique »
- ✓ LA PENSÉE de Teilhard
«Panthéisme et Christianisme»



Associação dos Amigos de
Pierre Teilhard de Chardin
em Portugal

R.Vila Catió, 397 - 6º esq.
1800-348 LISBOA

teilhard.portugal@sapo.pt
www.portugal.teilhard.org

Divulgue a
AAPTCP
junto dos seus
amigos

EDITORIAL

Colóquio

«90 anos após a chegada de Teilhard à China»

Museu do Oriente, 25-26 maio 2013

Alocução de abertura pelo Presidente da AAPTCP, Prof. Michel Renaud

Conforme anunciámos nos números anteriores, realizou-se em maio passado o Colóquio comemorativo dos 90 anos da chegada de Teilhard à China, que, como mais adiante referimos, pela organização e pelos conteúdos obteve um assinalável êxito e mereceu rasgados elogios dos numerosos participantes, nacionais e estrangeiros. Seguidamente, transcrevemos a alocução de abertura proferida pelo nosso Presidente, Prof. Michel Renaud.

A todos quero dar as boas-vindas, em nome da Associação Portuguesa dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin. Estamos felizes por vos acolher, quer venham de França, de Itália, da China ou de Portugal, aqui, junto à margem do Tejo, de que tantos poetas portugueses cantaram o charme e a nostalgia, essa nostalgia tipicamente lusitana, expressa numa palavra que talvez já conheceis, a saudade. Não é, com efeito, possível contemplar a foz do Tejo sem interrogarmos, como o fizeram as gerações de navegantes que nos precederam, sobre que outras terras distantes não haverá para além de todo este oceano. Mas, na verdade, durante este fim-de-semana, será para Teilhard de Chardin que o nosso pensamento se eleva, para ele que, certamente, também se interrogou quando, prestes a deixar a Europa, preparava a sua primeira viagem à China. Nesse momento, ele ainda não sabia que uma grande parte da sua vida se iria passar nessas longínquas paragens. Contudo, a força que animava o seu espírito era de tal ordem que aquilo que a outros poderia parecer um exílio, se veio a tornar para ele num caminho fecundo de descobertas científicas, humanas e espirituais.

Comemoramos hoje o início dessa aventura, do corpo, no inóspito deserto de Gobi, da alma, mergulhado numa cultura estrangeira, e do espírito, que perdura até hoje através das suas obras. Mas se Teilhard ainda nos inspira, se o lemos e relemos com proveito, não é para o repetirmos integralmente, mas para nos inserirmos no movimento do seu pensamento que nos impele sempre mais em frente, na marcha para uma ciência que esteja ao serviço do homem, de todo o homem, para uma filosofia que desemboque num movimento de admiração, enfim, para uma visão da fé que culmina no louvor e na adoração. Assim, olhar ao longe, na direcção do futuro deste século XXI, não pode realizar-se sem a ancoragem no dinamismo dos pensadores que nos precederam. E quem melhor que Teilhard para nos ajudar a vencer o medo do futuro, a ter confiança no homem, precisamente porque nos sabemos polarizados nesse ponto de fuga que é, ao mesmo tempo, o centro que nos unifica, inscrevendo-nos nesse movimento que para ele tende.

Antes mesmo de iniciarmos os nossos trabalhos, desejo agradecer a todos os que tornaram possível este encontro, que acontece na sequência do Colóquio de novembro passado, na Gregoriana, em Roma; deste modo, agradeço aos membros que foram os pivôs operantes, tanto em Paris como em Lisboa. Agradeço em particular ao Director do *Museu do Oriente*, que colocou à nossa disposição estas magníficas instalações, em que nos encontramos neste momento. Mas serão os conferencistas que, agora, após esta introdução, farão deste encontro um sucesso. Estamos impacientes por os escutar e, desde já, exprimimos-lhes a nossa gratidão.

A EVOLUÇÃO E O DESTINO HUMANO

Segundo P. Teilhard de Chardin

Por Laurent DRILLON

(traduzido¹ de “*Teilhard Aujourd’hui*”, nº 14, Junho 2005)

I. – COMO SE COLOCA O PROBLEMA

Imaginar... Imaginar um navio que mantém a proa virada a ventos e marés. Ninguém pensa que não haja uma vontade que o habita, uma inteligência que o guia. Ninguém o tomará por um navio fantasma largado ao capricho de ventos e correntes. Pelo contrário, perguntar-se-á muito naturalmente donde ele vem, para onde vai e quem o dirige.

Pois bem, para nós, habitantes do planeta Terra, o universo é muito semelhante a este navio.

Desde o início do século XX sabemos que o nosso universo não foi sempre exactamente como o vemos hoje. Tendo partido dum amálgama de partículas, ele organizou-se para formar as estrelas, os planetas, a nossa Terra em particular onde, muito mais tarde, a vida apareceu. Primeiramente rudimentar, depois, cada vez mais complexa: as plantas, os animais ainda prisioneiros da sua condição biológica e, por fim, o homem limitado na sua natureza mas atraído para o alto pela sua espiritualidade e procura do Belo, do Verdadeiro e do Bem. O universo segue uma trajectória bem determinada. Nada mais natural, portanto, que se pergunte donde ele vem, para onde vai e quem o dirige.

Eis as questões que se nos impõem !

Mas os nossos espíritos, agarrados ainda a uma concepção estática do mundo, têm grande dificuldade em representar-se a evolução e em admitir-lhe as consequências. E, no entanto, não se trata duma hipótese entre outras, mas duma realidade que não pára de se impor a todos nós. Partindo dos nossos conhecimentos sobre este mundo, seguiremos Teilhard passo a passo nas suas análises, nas suas tomadas de posição e, então, seremos arrebatados para um futuro radioso, mas um futuro colocado sob a nossa

responsabilidade de Homens livres das suas escolhas.

II. – OS NOSSOS CONHECIMENTOS SOBRE A EVOLUÇÃO

A evolução é a história do universo, uma história que se desenrola a uma velocidade tão ténue aos nossos olhos humanos que ficou despercebida durante um longo tempo.

Contudo, não constitui uma descoberta recente. O darwinismo, popularizado no século XIX, deveu grande parte do seu sucesso ao aspecto negativo do seu pensamento: poder-se dispensar um Criador. Mas é evidente hoje em dia que se ela (a evolução) se tivesse limitado a um fenómeno de adaptação às condições materiais da existência, o mundo vivo não teria avançado muito e teria ficado duma extrema pobreza. A evolução adaptativa inscreve-se com efeito num movimento muito mais vasto: não se trata apenas duma teoria explicativa das transformações do mundo animal, mas é a própria trama da história do universo, desde as partículas iniciais até ao homem. O homem, termo actual desta sequência evolutiva que se eleva continuamente da matéria inerte até à Vida e ao psiquismo.

Para compreender a evolução, seguir as suas diferentes etapas, analisar as suas características, precisamos dum guia. Dentre os cientistas que estudaram este fenómeno, o Padre Teilhard de Chardin ocupa um lugar especial. Desde o início do século XX, este geólogo, investigador duma excepcional qualidade, soube reconhecer a amplidão deste movimento. Constatou a sua progressão gradual e cronológica em direcção a formas cada vez mais complexas. Tendo participado em 1929 na descoberta do sinantropo, e apesar dum ambiente espiritual hostil, contribuiu para pôr em evidência a origem animal do homem e a unicidade do mundo. Vamos segui-lo na exploração e na análise das diferentes etapas da evolução.

A Pré-vida ou Cosmogénese

No começo, já lá vão cerca de 15 mil milhões de anos, não se encontrava senão energia e radiações, não estando a matéria ainda formada. Ela aparece dentro dum plasma de partículas sob a forma de átomos. Cada um deles não é constituído por justaposição de partículas mas pela sua associação num conjunto unitário. Consoante o número de partículas ligadas entre si deste modo,

¹ Tradução da responsabilidade da ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE PIERRE TEILHARD DE CHARDIN EM PORTUGAL

assim diferem os átomos. Teilhard notou que a ordem de aparição dos diferentes átomos correspondia exactamente ao seu grau de complexidade: em primeiro lugar apareceu o mais simples, o hidrogénio, o hélio... etc., até ao mais complicado.

Da mesma maneira sobre o nosso planeta, os átomos foram-se associando para formar unidades novas: as moléculas, primeiro as mais simples, depois, gradualmente, as mais complexas. Cada novo elemento assim formado constitui um todo organizado, uma entidade inteiramente à parte, um centro (no mesmo sentido em que falamos de centro industrial ou de centro cultural). Torna-se evidente que existe uma ligação entre complexidade e centridade, aquilo a que Teilhard chama de centro-complexidade.

Assim, aparecem logo desde o início duas características que reencontramos sempre ao longo da evolução: um grau de complexidade que vai aumentando e, entre cada etapa, um limiar que marca um *mais* relativamente à fase precedente. Há mais na molécula do que no átomo, mais no átomo do que na partícula.

A Vida ou Biogénese

Cada vez mais complexas e cada vez maiores, as moléculas atravessam um novo limiar: o limiar da Vida. Cada um dos novos centros torna-se capaz de relação com o ambiente, capaz de se desenvolver, de se reproduzir. A matéria, sempre composta pelos mesmos elementos de base – átomos e moléculas, acede a um grau superior de organização. Deste modo, a arrancada de cada nova etapa tem já a sua origem inserida nas etapas precedentes. No nosso universo tudo se sustenta. É o que confirma Teilhard: *«É especialmente sobre três infinitos que o mundo está construído: sem dúvida o ínfimo e o imenso, mas também... o imensamente complicado ... Cada infinito, como nos ensina a Física, é caracterizado por certos “efeitos” especiais próprios desse Infinito ... Tais os Quantas no Ínfimo. Tal a Relatividade no Imenso. Uma vez isto admitido, qual poderá ser o efeito específico de Complexos muito grandes (reconhecidamente, como acabamos de ver, formando no Universo um terceiro infinito?) Olhemos bem. Não será isso justamente aquilo a que chamamos a Vida. A Vida com as suas duas séries de propriedades únicas: as externas (assimilação, reprodução...), as outras, internas (interiorização e psiquismo)?» (vol.8, p107)*

Efectivamente, no estádio da Vida emerge uma propriedade até então imperceptível: uma mini-percepção interior, um

de dentro das coisas, um *de dentro* que anima um *de fora*. Teilhard fala de consciência. Uma consciência que vai progredindo de par com a centro-complexidade. O domínio dos seres vivos vai, então, desenvolver-se e diversificar-se de maneira prodigiosa.

Primeiramente, o mundo dos monocelulares: principalmente os vegetais, os seres com carapaças externas e depois os seres com esqueleto interno. Cada um destes ramos dá origem a grupos cada vez mais elaborados e enxertados uns sobre os outros. Em particular os vertebrados, dos anfíbios aos mamíferos, conduzem até nós esta vaga ascendente da evolução. Nela podemos medir a progressão da consciência seguindo o desenvolvimento do sistema nervoso, em particular o do encéfalo.

O Pensamento ou Noogénese

Após uma mutação cerebral, um novo pórtico é franqueado: o do Pensamento. É o nascimento do Homem. Tal como nas sínteses precedentes, os germes deste estado absolutamente novo estão presentes nas fases anteriores.

O maior contributo do Pensamento é a separação do homem do animal. Enquanto a evolução do mundo animal vai desabrochando em ramos divergentes, o grupo zoológico humano, ao contrário, progride seguindo o eixo do pensamento consciente. O futuro deixa de se balançar sobre a diversidade biológica. O centro que aparece agora consagra um novo estado, o da consciência: a consciência de si. O que caracteriza o Homem é a consciência do que ele é, a consciência do que ele faz, e não uma maior faculdade de percepção ou de adaptação. *«O Homem sabe que sabe.» - «A Vida é hiper-centrada sobre si ao ponto de se tornar capaz de previsão e de invenção (e, naturalmente, de tudo o que se segue em matéria de Pensamento descobridor e construtor do Mundo.» (vol.8, p163)*

Traços Essenciais da Evolução

Uma vez chegados ao Homem, termo actual do percurso, podemos tentar destriçar as principais características da evolução.

Desde logo, uma complexificação presente ao longo de toda esta cadeia, associando e combinando os elementos mais simples em unidades novas que, por seu lado, serão incluídas em conjuntos mais elaborados.

Mas esta progressão não é uma continuidade sem falhas. É acompanhada de saltos bruscos: limiares que marcam o acesso a um grau superior de organização, comparáveis a verdadeiras mudanças de natureza como a passagem da matéria inerte à Vida e da Vida ao psiquismo. Pode-se dizer que tudo sobe e tudo converge, uma vez que este movimento nunca se inverteu para se desfazer ou recair em elementos mais simples e dispersos.

Esta complexidade põe em evidência uma característica da matéria inerte ou viva despercebida durante muito tempo. Cada elemento, mesmo rudimentar – átomo ou molécula – conserva a sua unidade dum todo organizado, constitui um centro e é nessa qualidade que pode unir-se a outros para formar um corpo novo, um centro superior aos que o constituem, tal como o hidrogénio e o oxigénio que se unem para formar a água. Do mesmo modo, cada célula viva que faz parte dum organismo vivo, desempenha um papel particular: a união não uniformiza, ela especializa e diferencia. É no domínio dos seres vivos, isto é, no estádio da grande complexidade, que aparece mais claramente a existência do *de dentro* das coisas. Teilhard utiliza aqui o termo consciência no seu sentido mais geral. Chegado ao cume desta hierarquia do ser vivo, podemos dizer que a união não somente diferencia como personifica. Aparece assim a pessoa humana.

Existe ainda uma outra característica que ainda não evocámos: é a aceleração fulgurante deste movimento. É difícil tomar disso consciência porque as durações empregadas para medir a evolução ultrapassam de longe as nossas escalas de percepção: milhões e milhares de milhões de anos. Para termos disto uma ideia acessível, o melhor é referirmo-nos aos diversos calendários cósmicos estabelecidos pelos cientistas.

Por exemplo, se a duração conhecida da evolução (cerca de 15 mil milhões de anos) for condensada num só ano de calendário, obtemos a seguinte cronologia:

Fixando a origem do Mundo² no dia 1 de Janeiro, teremos que esperar até 14 de Setembro para assistir à formação da Terra; a vida não aparece nela, sob a sua forma mais rudimentar, senão a 25 de Setembro, os peixes a 19 de Dezembro, os pássaros a 27 de Dezembro e os primatas a 29 de Dezembro; o homem, esse chega só a 31 de Dezembro, às 22h30. Estamos a 31 de Dezembro, à meia-noite, e o homem inventou o fogo há 14 minutos! No último minuto, os acontecimentos importantes sucedem-se: ao 20º segundo, o homem torna-se agricultor; Abraão manifestou-se há 9 segundos, Moisés há 7 segundos e Jesus há 4 segundos.

Considerando o passado, Teilhard apercebe-se da extraordinária coerência da evolução que permitiu a aparição dum ser que se tornou consciente e livre. Obtemos a nossa verdadeira árvore genealógica subindo do homem até ao Big-Bang. Como não nos sentirmos directamente interpelados por este

movimento e não nos colocarmos a questão do nosso futuro ?

III. – ONDE NOS ENCONTRAMOS ?

Antes de especularmos sobre o futuro, precisamos de analisar o mundo actual e de aí procurar as tendências ou os sinais que traduzirão a influência da evolução na aventura humana.

A morfologia do homem só se estabilizou de há cerca de cem mil anos para cá, mas desde então o seu modo de vida e o seu domínio sobre o mundo envolvente deram um salto gigantesco. A parte do instinto reduziu-se ao mínimo (o mamilo do seio materno, por exemplo), pelo que o homem tem de aprender tudo, a começar por se aguentar de pé, andar, falar. A actividade do cérebro e a linguagem articulada permitem-lhe exprimir tudo: o concreto, o abstracto, o raciocínio e até o afectivo. É assim que o aumento do saber, a diversidade das artes, a formação da personalidade de cada um e a lenta elaboração duma cultura dependem estreitamente da natureza humana. Da pré-história à época actual, a progressão é considerável.

Historicamente, os homens disseminaram-se pouco a pouco por toda a superfície do planeta, adaptando-se a todas as condições, mesmo as mais extremas. Mas para sobreviver e agir, eles tiveram que se unir e se organizar entre si. Estes aglomerados tornam-se cada vez mais importantes (tribos, cidades, nações, civilizações), desenvolvem-se, entram em competição e, algumas vezes, desaparecem para dar lugar a outros melhor armados. No interior de cada grupo, os indivíduos diferenciam-se desempenhando cada um o seu papel, dependendo uns dos outros. Hoje, a rede de ligação entre todos esses grupos é tão densa que eles formam uma autêntica entidade.

Como constatamos, sob a pressão demográfica e o extraordinário desenvolvimentos dos meios de comunicação, a humanidade tem tendência a estreitar-se em si mesma. Organiza-se como um enorme ser vivo com os seus sistemas circulatórios (estradas, caminhos de ferro, aviões), de nutrição (mercados), nervosos (telecomunicações) e mesmo de reprodução (cultura e educação). Em vez de se dispersarem, vemos os homens ligados entre si por relações cada vez mais estreitas.

Mas sabemos que a natureza humana se caracteriza pelo pensamento reflexivo, cujo ascendente aumenta sobre os homens e as suas condições de vida. As actividades puramente físicas perdem o seu carácter de absoluta necessidade para a sobrevivência da espécie, o trabalho muscular desaparece em favor dos serviços. As facilidades fornecidas pelas redes informáticas vão originar uma difusão geral das ideias, reduzir as barreiras entre as diferentes culturas e pesar cada vez mais sobre as orientações e as decisões futuras.

² = universo (n.T.)

Estas generalidades mostram-nos bem que as principais características da evolução se encontram na história da humanidade: complexidade crescente, convergência para uma sociedade onde os indivíduos se encontram cada vez mais interligados e dependentes uns dos outros. Desde logo, somos muito naturalmente levados a questões que nos interessam: que futuro para o homem? Que futuro para a humanidade?

O geólogo e paleontólogo Teilhard, com o apoio da sua fé, não se limitou à exploração do passado longínquo; também analisou o nosso tempo presente no mesmo espírito. Todas estas transformações, que hoje se precipitam e nos desorientam, são para ele apenas a expressão, ao nível da humanidade, do fenómeno geral da evolução. De alguma maneira, encontramos-nos num patamar de complexificação da sociedade. Período cheio de violência e de perigos visto que a selecção natural ainda exerce as suas sevícias, por exemplo no domínio económico. Mas também período de maturação que prepara o transpor do limiar superior duma mais consciência. Não é para admirar que esta visão, realmente profética, tenha na altura incomodado muito. Em contrapartida, a confirmação que ela encontra hoje em dia pode ser-nos de grande ajuda.

IV. – PERSPECTIVAS DE FUTURO

Com a ajuda do cientista Teilhard pudemos observar a evolução, notar-lhe a progressão, as combinações e, assim, estabelecer uma verificação sem preconceitos nem do porquê nem do como. Agora, faremos apelo ao visionário Teilhard para esclarecer o futuro. Não um futuro imediato, povoado de acontecimentos diversos, mas um futuro a longo prazo, na linha directa do passado, um futuro capaz de definir uma orientação para um objectivo que nos incite a laborar e a esperar.

Para nos aventurarmos por esse futuro com Teilhard, precisamos de admitir com ele que a evolução é irreversível, que ela não pode parar nem recuar. Dito doutra maneira, é necessário recusar o absurdo duma perspectiva de morte total do universo e de nós mesmos. É preciso ultrapassar um limiar e admitir este postulado: a evolução tem um sentido.

Ficando apenas no plano do humano, pode-se definir, prolongando o passado, a direcção de um futuro compatível com a nossa natureza humana. Ou seja, sempre mais complexidade, sempre mais consciência. Para permanecermos nesta perspectiva optimista, a evolução deve reunir-nos e convergir para o espírito. Para evitar o fracasso por asfixia, esta

união deve manter-se humanamente satisfatória. Deve realizar-se por atracção para cima, como nas sínteses precedentes, o que implica um futuro virado para o Amor, visto que só o Amor pode unir sem esmagar. Para tal, a energia espiritual deve suplantar a energia biológica.

Diversos factores pressionam nesse sentido:

- primeiro, o poder de invenção dos homens, muito mais eficaz do que o acaso;

- em seguida, a capacidade de atracção ou de repulsão (o amor ou o ódio) que intervêm nas suas relações e que, muitas vezes, ultrapassa as contingências materiais;

- enfim, e sobretudo, a exigência de esperança nos resultados dos seus esforços e de absoluto no fim perseguido.

O grupo zoológico humano dirigir-se-á, pois, para um estágio colectivo e superior, um ultrahumano. Um estágio ainda por vir, em que a consciência global não será uma simples adição das consciências individuais, mas uma realidade superior e diferente, um pouco como as moléculas se unem para formar um corpo novo.

A humanidade tende para algo maior que ela própria. Visto que o homem tem consciência do desejo e da necessidade dum *mais-ser* que atrai, é impossível, se o mundo tem um sentido, que esse *mais-ser* não exista. O homem não é mais do que um corredor da estafeta da sua plenitude, que é a convergência no Amor absoluto. É a este foco de convergência que Teilhard chama Ómega, motor e fim desta dinâmica.

Idéia perfeitamente utópica para nós, que estamos ainda fresquinhos de animalidade e que contemplamos em todos os domínios as competições mais impiedosas. Mas tal não quer de maneira nenhuma dizer que o futuro esteja já inteiramente traçado! A evolução para o homem e para a humanidade não é um facto inelutável. Somos nós que a temos de construir, pois sendo conscientes dela devemos dela ser responsáveis. Isto implica que a atitude de cada um de nós deve tender sempre a mais amor: amor fraternal, familiar, conjugal, social... O sentido da evolução impõe-se a todos: vamos na direcção de mais consciência, mais conhecimentos e mais necessidades espirituais. Dirigimo-nos para o fim último do Amor absoluto, ou seja, Ómega.

Todos somos parte implicada nesta aventura e não nos é possível dissociarmo-nos da humanidade e do seu destino. É evidente que colaboramos positivamente com este movimento na medida do bem que pudermos realmente fazer e do mal que pudermos realmente evitar. Mas, seja a nossa atitude activa ou passiva, ela terá sempre uma influência: seja mais fraca ou mais importante, positiva ou

negativa, ela nunca será nula. Não podemos escapar à nossa parte de responsabilidade, tal como não podemos recusar a evolução no sentido do imaterial. A questão é de saber se, beneficiando da nossa liberdade, nós participaremos activamente nessa dinâmica ou se a entravaremos pela nossa passividade.

Porquê e como participar, isso implica uma moral dinamizante fundada sobre este preceito: «**É bom tudo o que favorece a evolução espiritualizante do Universo**». Uma moral assim, baseada nas leis da natureza, sobre a própria estrutura do mundo, teria mais justificação e impacto do que uma moral tradicional, ditada por homens para outros homens, em função de circunstâncias, costumes ou interesses, mais ou menos duráveis e arbitrários.

«A partir do momento em que ... é numa rede não já de convenções mas de ligações orgânicas que a Socialização pouco a pouco nos enlaça, que começamos então a realizar no nosso espírito a grandeza e a gravidade verdadeiras da condição humana. Porque, com o Jurídico, podemos sempre por um qualquer compromisso chegar a entendermo-nos. Enquanto que o Orgânico, se o violamos, esse não perdoa.»

Este tipo de moral é muito mais constrangedor. Deste modo, o preceito *amai-vos uns aos outros* não fica apenas reservado a alguns sonhadores desejando a perfeição, mas é a lei funcional indissolavelmente ligada à sobrevivência da espécie humana. Hoje, esta palavra *«não diz simplesmente amai-vos para serdes perfeitos, ela acrescenta: Amai-vos ou perecereis»*. (vol.6, p.200). Temos bastante dificuldade em aceitar esta lei de Amor e, contudo, somos perfeitamente livres de a recusar, de preferir as nossas violências, os nossos egoísmos, os nossos interesses imediatos; mas é preciso vermos bem que, nesse caso, tomamos a responsabilidade de fazer obstáculo a esta evolução espiritualizante e, assim, arrastar a humanidade para a sua perda.

V. – A EVOLUÇÃO E A FÉ

No prolongamento da evolução passada, Teilhard acaba de nos indicar uma via em direcção a um ponto de convergência Ómega. Esta orientação, sentimo-lo bem, corresponde às nossas aspirações mais nobres, cumula as nossas esperanças e incita-nos a laborar nesse sentido. Mas torna-nos responsáveis pela evolução futura, encargo terrível e desmesurado se o compararmos com as nossas fracas possibilidades humanas. Somos aqui confrontados com os

nossos limites, como o teriam sido as primeiras células vivas nos primórdios da biogénese.

Porque há uma questão que de facto se coloca ao longo de todo este processo: como pode afinal o *mais* sair do *menos*? O acaso foi muitas vezes invocado, mas o acaso não pode construir nada de novo nem de melhor, enquanto que a evolução progride sem cessar, não realizando seja o que for, seja quando for! Há uma ordem, uma progressão evidente que não se desmente ao longo de milhares de milhões de anos. O fenómeno do envelhecimento, da usura, da degradação inexorável da energia, aquilo a que os cientistas chamam entropia, não pôde impedir a progressão do *menos* em direcção ao *mais*.

Manifestamente e desde o princípio, uma energia interior, uma influência secreta anima e dirige o universo. Para a procurar, devemos elevar-nos acima do plano estritamente material e humano, temos de transpor um novo limiar. A esse nível, é o crente, o místico Teilhard que nos vai iluminar. Ele explorou essa via e a sua visão insere-se na lógica do movimento ascensional do universo.

Para seguir o eixo principal duma evolução que sobe e converge, para a tornar compatível com as aspirações de toda a pessoa humana, que é ser e permanecer profundamente ela própria sem se dissolver num grande todo anónimo, para se inserir na nossa visão humana, o ponto Ómega deve responder a certos critérios.

Em primeiro lugar, para reunir sem os esmagar todos os elementos pessoais que nós somos, é-lhe necessário ser ele próprio um centro pessoal, uma super-pessoa. Dito doutra maneira, Ómega não é uma ideia, é Alguém.

Seguidamente, se o mundo tem um sentido e converge inexoravelmente para o Espírito, é preciso que esse Alguém escape ao absurdo do desaparecimento por entropia, deve, pois, ser independente do universo sensível, deve ser transcendente.

Enfim, para poder polarizar e atrair desde logo todos os homens para o perfeito Amor, é preciso que esteja já presente entre nós: *«Para ser supremamente atraente, Ómega deve estar já supremamente presente.»*

Se esta super-pessoa, centro de centros, existe, é normal que se dê a conhecer às pessoas que nós somos, falando-lhes pessoalmente.

Nestas condições, o Padre Teilhard, impregnado de cristianismo, não pode fazer menos do que reconhecer o Cristo em Ómega e identificar Ómega e o Cristo: *«O grande acontecimento da minha vida terá sido a identificação gradual, no céu da minha alma, de dois sóis, sendo um destes astros o cume cósmico postulado por uma evolução generalizada de tipo convergente e, o outro, encontrando-se formado pelo Jesus ressuscitado da Fé cristã.»* (vol.7, p.404).

Pode efectivamente perguntar-se se esta posição do Cristo no cume da Criação é realmente compatível com o Jesus histórico, nascido há dois mil anos numa pequena aldeia da Palestina. Mas, no espírito de Teilhard não há a mínima ambiguidade: *«Quanto mais, com efeito, reflectimos nas leis profundas da Evolução, mais nos convencemos de que o Cristo universal não poderia aparecer no fim dos tempos no cume do Mundo se não se tivesse previamente introduzido, a meio do caminho, por via de nascimento, sob a forma dum elemento. Se é verdadeiramente pelo Cristo-Ómega que o universo se mantém em movimento, é precisamente do seu germe concreto, o Homem de Nazaré, que o Cristo-Ómega tira (teoricamente e historicamente), tanto quanto experimentamos, toda a sua consistência.»* (vol.10, p.211).

Para nós, humanos, a Encarnação é o acontecimento máximo que vai reunir Deus e a Terra, a Criação e o Criador. O Padre Teilhard pode, assim, enunciar a propriedade fundamental do Cristianismo: *«A essência do Cristianismo não é, nada mais, nada menos, do que a crença na unificação do Mundo em Deus pela Encarnação.»* (vol.6, p.118).

Como a acção do Amor é a lei funcional indissolúvelmente ligada à sobrevivência da espécie humana, do mesmo modo o Cristo tem, por natureza, uma relação orgânica com a Criação inteira. Desde o início, antes da Encarnação, animou e orientou o universo: *«As prodigiosas durações que precederam o primeiro Natal não estavam vazias dele, mas penetradas do seu influxo poderoso. É a agitação da sua concepção que revolve as nadas cósmicas e dirige as primeiras correntes da Biosfera. Foram bem necessários os labores medonhos e anónimos do Homem primitivo, a longa beleza egípcia, a espera inquieta de Israel, o perfume lentamente destilado dos místicos orientais, a sabedoria cem vezes refinada dos Gregos para que, sobre a haste de Jessé e da Humanidade, a Flor pudesse eclodir: quando o Cristo apareceu nos braços de Maria, Ele acabava de erguer o Mundo.»* (vol.9, p.90-91).

Porque foi o Cristo que nos revelou esta lei do Amor. O homem, entregue a si próprio, imerso neste mundo de lutas, de sofrimentos, de injustiças, não teria conseguido realizar que o Amor é o fundamento de tudo. Para tornar credível esta verdade fundamental, foi preciso que Deus viesse partilhar esta experiência de lutas, de sofrimentos, de injustiças e que lhe aceitasse todos os perigos.

Pela sua vida, ele faz-se servo e insere o poder do Amor nos sofrimentos e nos gestos quotidianos. No cume desta lógica, pela sua morte e ressurreição, ele abre-nos a porta dum

mundo novo liberto do Mal, um mundo a construir e que não poderá realizar-se sem a aceitação e os esforços dos homens por livre escolha. Na *«Missas sobre o Mundo»*, o Padre Teilhard oferece em sacrifício *«este pão, nosso esforço»* e *«este vinho, nossa dor»*.

Sabemos aqui que, apesar dos nossos fracos meios, a nossa responsabilidade está comprometida. Como havemos de ser suficientemente receptivos à influência do Cristo para assumirmos o nosso papel? A resposta do Padre Teilhard de Chardin é clara: pela Eucaristia. *«Ela é o sacramento único ao qual todos os outros se referem. E isto pela boa razão de que por ela passa directamente o eixo da Encarnação, isto é, da Criação»* (vol.10, p.194) *«Quando o Cristo desce sacramentalmente em cada um dos fiéis (...) não é apenas para conversar com ele. É para o anexar um pouco mais, fisicamente, a Si e a todos os outros fiéis na unidade crescente do Mundo»* (vol.10, p.90).

Temos o nosso lugar nesta extraordinária aventura em vista à unidade total do Cristo com a Criação. *«E depois de ter nascido Jesus, de ter acabado de crescer, de ter morrido, tudo continuou a mover-se porque o Cristo não acabou de se formar. Não acabou de cingir a si as últimas pregas da sua Túnica de carne e de Amor que constituem os seus fiéis (...) O mundo cria-se ainda n'Ele, é o Cristo que se completa»* (vol.12, p.68-69) - *«Em última análise, a Cosmogénese, depois que se revelou, seguindo o seu eixo principal, Biogénese, Noogénese, culmina na Cristogénese que todos os cristãos veneram.»* (vol.13, p.109)

Esta concepção do Cristianismo não deve aparecer como uma descoberta ligada ao facto de a Evolução ser posta em evidência. Mas o facto de que o Mundo não está acabado, que está ainda em construção, ilumina o novo dia da Verdade Revelada sem a colocar em causa. Já na Epístola aos Colossenses S. Paulo nos havia dito, falando do Cristo: *«Ele é a imagem do Deus invisível. Primeiro nascido de todas as criaturas, porque é nele que todas as coisas foram criadas ... tudo foi criado por ele e para ele ... ele é antes de todas as coisas e tudo subsiste nele.»* O Cristo identifica-se com esta influência secreta que anima e dirige o Mundo desde o início. *«O meu Pai está continuamente em acção e eu também estou em acção»* (In, 5, 17)

É o que dizem igualmente os Padres da Igreja: *Deus fez-se homem para que o homem se torne Deus.* A destruição do pecado não é senão a sua condição inevitável. Apesar disso, séculos de Cristianismo privilegiaram o papel expiatório de Jesus. A contracorrente, Teilhard dá a prioridade à divinização *«Não mais expiar primeiro e por acréscimo restaurar; mas criar (ou sobre-criar) primeiro e para tal (inevitavelmente mas incisivamente) lutar contra o Mal e pagar por ele.»*

(vol.10, p.171). Esta inversão de prioridades conduz, através do Cristo Universal, a exaltar a *face luminosa da Criação* e contribui à subida do *optimismo cristão*. O Cristianismo pode então desabrochar numa esperança activa estendida para o Cristo-Ómega, unidade do Mundo em Deus.

Se a Criação é verdadeiramente «*a passagem dum estado de dispersão inicial a um estado de harmonia final*», não podemos deixar-nos afectar pela imperfeição actual do Mundo. «*Num mundo criado já acabado... será injustificável qualquer desordem primitiva: seria preciso procurar um culpado. Mas num mundo que emerge pouco a pouco da Matéria, deixa de ser necessário imaginar um acidente primordial para explicar a aparição do Múltiplo e do seu inevitável satélite: o Mal.*» (vol.10, p.102).

Num mundo em gestação, o esforço, o sofrimento, o Mal, são componentes inevitáveis, mas a nossa liberdade mantém-se. Será só na culminação final que tudo será perfeito porque tudo estará reunido em Deus. Mas sob a condição de que nós o queiramos e apliquemos toda a nossa vontade e esforços nessa direcção. Então: «*O Cristo será tudo em todos*». É nosso dever tender para essa finalidade, depende de nós «*apressarmos a chegada do Dia de Deus*». (II Petr 111,12). Jesus não nos pediu que orássemos «*para que venha o seu reino?*».

CONCLUSÃO

No século XX, a concepção do Mundo foi transformada pela descoberta da Evolução. Sabemos agora que o Universo não está acabado, está em construção. Vimos aqui as suas características principais. A Evolução é um movimento constante e acelerado de convergência que, por sínteses sucessivas, vai do simples ao complexo, do inerte ao vivo e do vivo ao consciente.

O homem, o último a chegar a esta cadeia evolutiva, estabeleceu o seu domínio sobre o nosso planeta. Consciente e livre, prossegue através da estrutura da humanidade esta marcha em direcção ao imaterial. Perante a constatação desta dinâmica ascendente que nos engloba, apenas podemos colocar-nos a questão do futuro, futuro do homem, futuro da humanidade.

É bem difícil admitirmos que um tal movimento possa progredir inexoravelmente na

mesma direcção durante quinze mil milhões de anos sem visar um objectivo. Não podemos aceitar a ideia de todo esse percurso sem uma finalidade. Se queremos encarar o nosso futuro, temos de aceitar este postulado: o Mundo não é absurdo, o Mundo tem um sentido.

Cientista, homem de fé, Teilhard mostra-se um guia precioso para nos conduzir a esta conclusão. Prolongando o eixo principal da Evolução, ele pôs em evidência que a união não uniformiza, antes diferencia e personaliza. De resto, nem o menor dentre nós aceitaria dissolver-se numa massa anónima. A única convergência possível é a união no Amor, porque só o Amor pode unir sem esmagar. Assim surge o foco de convergência Ómega, fim último da evolução e símbolo do Amor absoluto. A perspectiva do futuro ilumina-se. Cada pessoa humana só pode encontrar o seu pleno desabrochar tendendo para esse ideal. É a nossa vocação mas é também a nossa responsabilidade, porque o êxito deste futuro optimista depende da nossa acção, nada estando ganho à partida.

Para o Padre Teilhard, Ómega coincide com o Cristo. O Cristo, Deus encarnado, que por natureza forma corpo com o Mundo e pode, desde o interior, impelir para esta união última em Deus. Neste processo, os homens, conscientes e livres, têm o seu papel e a sua responsabilidade. Não está ao seu alcance subtraírem-se a ele. Isso supõe uma moral constrangente e imperativa, porque não proveniente de frágeis preceitos humanos mas da própria estrutura do Mundo.

A Evolução impõe-se em todas as visões do futuro como um factor obrigado e determinante. Ao nível da Fé, dá as cores da realidade à teologia de S. Paulo e S. João que, sem ela, poderia parecer demasiado teórica. Ao nível da humanidade, insufla optimismo e esperança nos nossos espíritos, visto dar um sentido à Vida e às nossas obras humanas. Nesta época, em que a confiança no progresso está embotada e dá lugar, por vezes, a desencantamento e inquietações, a perspectiva aberta por Teilhard vem a calhar: dá-nos razões para crer, esperar, agir, razões para viver.

Mas para laborar nesta unificação do Mundo, não há caminhos traçados. É necessário explorar todas as pistas. Este *dever de investigar* é sagrado e deve exercer-se em todos os domínios: científico, humano e mesmo religioso. «*A Revelação não veio para nos dispensar de procurar, mas apenas para nos dizer em que sentido nós temos que procurar*»

MONOGENISMO E MONOFILETISMO *

UMA DISTINÇÃO ESSENCIAL A FAZER

Com a Encíclica *Humani generis*, ouvimos de novo debater, com muita paixão... e confusão, o problema da representação histórica das origens humanas. A tal propósito, convém insistir, uma vez mais, na diferença essencial que separa as noções (demasiado amiúde ainda tomadas como sinónimos!) de:

Mono- e poli-*genismo*: um ou vários casais primitivos;

Mono- e poli-*filetismo*: um ou vários ramos (ou filios) na base da Humanidade.

Princípio 1.

Em consequência da impossibilidade de facto em que se acha (e sem dúvida sempre se achará) a Ciência de ampliar com suficiente grandeza o passado paleontológico para distinguir *indivíduos*, ou seja, discernir, lá muito atrás, outra coisa que não *populações*, o mono- e o poli-genismo são, em realidade, *noções puramente teológicas*, introduzidas por razões dogmáticas, mas extracientíficas por natureza (enquanto experimentalmente inverificáveis).

Princípio 2.

O que equivale a dizer que, todas as vezes que um cientista (enquanto cientista) reconhece a unidade da espécie humana, não é de modo nenhum a existência de um casal único original que ele entende afirmar, mas simplesmente o facto de o Homem representar, zoologicamente, uma *estirpe* única: sejam quais forem, de resto, a espessura (numérica) e a complexidade (morfológica) desta estirpe nos seus primórdios.

Em Ciência, não se pode falar de mono- ou poli-genismo, mas *apenas* de mono- e de poli-filetismo.

Em virtude de tudo isto, o teólogo conserva assim uma certa liberdade de supor o que se lhe afigura dogmaticamente necessário no interior da zona de indeterminação criada pela imperfeição da nossa visão científica do Passado. *Directamente*, o cientista *não pode* provar que a hipótese de um Adão individual é de rejeitar. *Indirectamente*, porém, pode julgar que esta hipótese é tornada cientificamente insustentável por tudo o que consideramos conhecer neste momento acerca das leis biológicas da «especação» (ou «génese das Espécies»).

a) Por um lado, de facto, aos olhos de um geneticista, não só o aparecimento simultâneo de uma mutação num casal único parece infinitamente improvável — como ainda se lhe coloca a questão de saber se, mesmo realizada no caso do Homem, uma mutação tão limitada teria a mais pequena hipótese de se propagar.

b) Por outro lado (e isto é ainda muito mais grave), o que o monogenismo dos teólogos exige não é somente a unicidade de um casal original — mas é o aparecimento brusco de dois indivíduos *completamente acabados no seu desenvolvimento específico* desde o primeiro instante. No mínimo, o Adão dos teólogos teria de ser, logo à primeira, um *Homo Sapiens*. Especificamente falando, ele teve¹ de *nascer adulta*. ora estas duas palavras associadas não fazem sentido para a Ciência de hoje. Contra *leges naturae*²...

Sendo assim, de duas, uma.

- Ou as leis científicas da especação mudarão amanhã na sua essência (o que é pouco provável).
- Ou então (o que parece plenamente de acordo com os últimos progressos da exegese) os teólogos aperceber-se-ão, de uma ou de outra maneira, que num Universo tão organicamente estruturado como este onde estamos hoje a despertar, uma solidariedade humana, muito mais estreita ainda que a por eles procurada «no seio da mãe Eva», lhes é facilmente fornecida pela extraordinária ligação interna de um Mundo em estado de Cosmo- e de Antropogénese à nossa volta.**

* Ensaio de Teilhard de Chardin, in "A minha Fé", Ed. Notícias, Lisboa, 2000

¹ Para ser capaz de carregar a responsabilidade do Pecado Original.

² Contra as leis da natureza. (N. do E.)

** *Inédito*. Paris, 1950.

Colóquio internacional «A China na globalização cultural e religiosa» 90 anos após a chegada de Teilhard a Tientsin

Museu do Oriente, Lisboa, 25-26 Maio 2013

Organizado pelas Associações Portuguesa e Francesa dos Amigos de Teilhard de Chardin, com a cooperação do Centro Europeu Teilhard e o patrocínio da Fundação Oriente, realizou-se, conforme anunciado em números anteriores, este Colóquio internacional, que contou com a presença de 80 participantes, vindos de França, da China, de Itália e de Portugal.

Enquadrado no acolhedor ambiente do Museu do Oriente, com todas as suas funcionalidades e conforto, realizaram-se no sábado, conforme o programa, quatro mesas redondas de excepcional interesse e qualidade de intervenientes, oriundos de Portugal, França e China. No domingo, no mesmo local, o dia começou com a apresentação dum DVD recapitulativo da exposição itinerante francesa «*François d'Assise, Teilhard de Chardin et François Cheng*», que, além da beleza e elevação espiritual que comunica, tem o interesse acrescido de revelar a aproximação a Teilhard de Chardin do grande poeta chinês, de naturalização francesa, François Cheng. Seguidamente, houve a apresentação e visionamento do filme «*La Croisière Jaune*», documento testemunhal da impressionante aventura levada a cabo pela Citroën nos anos trinta, atravessando, através das maiores peripécias e durante mais de um ano, todo o continente asiático com uma caravana das suas «autochenilles», na qual participou Teilhard de Chardin como cientista. A manhã terminou com uma visita guiada ao magnífico Museu do Oriente, que deixou encantados todos os participantes do Colóquio. A seguir ao almoço, tomado na cafeteria do Museu, os participantes dirigiram-se em autocarros para o Conventinho da Arrábida, que visitaram, e onde o Padre Vitor Melícias, Provincial dos Franciscanos em Portugal e capelão do Conventinho, como que encerrou o Colóquio celebrando, sobre o mar, uma Eucaristia acompanhada por textos retirados de “*La Messe sur le Monde*”, escrita por Teilhard na China enquanto procedia a investigações científicas no deserto de Ordos. Todos os participantes foram unânimes em considerar este o momento alto do encontro, pela espiritualidade vivida no mágico ambiente do local, pelas leituras feitas pelos participantes nas suas diversas línguas e pela extraordinária homilia do Padre Melícias, que evocou o alto sentido e actualidade do pensamento de Teilhard de Chardin, na perspectiva da ligação da humanidade à Criação e a Deus.

A seguir, transcrevemos a tradução das alocações de abertura e fecho do Colóquio, proferidas pelo Prof. Gérard Donnadiu, Presidente da Associação Francesa dos Amigos de Teilhard de Chardin. Poderá dizer-se que estes dois textos fecham o arco de todos os temas que foram tratados e debatidos ao longo do Colóquio, dando-nos, numa perfeita síntese, a visão do que foi a China para Teilhard e o que é hoje uma China em abertura para o mundo, onde a memória do sábio jesuíta, longe de estar esquecida, é cada vez mais revisitada nos locais que ele frequentou como cientista e na publicação de traduções da sua obra, que não para de aumentar.

(alocução de abertura)

Senhor Embaixador³, Senhores Presidentes, meus caros amigos,

Por ocasião desta sessão de abertura do Colóquio internacional “A China na mundialização cultural e religiosa”, gostaria de começar por agradecer à Associação portuguesa ter tido a ideia e se ter munido dos meios para preparar e organizar a magnífica manifestação, que vai desenrolar-se neste soberbo Museu do Oriente.

A China, um imenso país, uma imensa civilização, um Estado unificado desde o século III a.C. por Qin Shihuang di, seu primeiro imperador, a China que, depois, nunca mais deixou de existir e de contar no continente euroasiático, enquanto outros impérios de importância comparável – o império persa, o império de Alexandre, o Grande, o império romano, o califado abásside, o império turco – há muito foram desaparecendo. No século XV, sob a dinastia Ming, a China era o país mais poderoso do planeta e também o mais avançado num certo número de domínios, incluindo o da técnica. Depois, seguiu-se o período do declínio, da dominação mundial exercida pelas potências ocidentais, o tempo das revoluções, das

³ Referência ao Embaixador João de Deus Ramos, representante da Fundação Oriente junto do Colóquio

desordens internas, a chegada do comunismo, de que Teilhard dizia que talvez viesse a tirar a China do seu torpor. E, hoje, vemos elevar-se uma potência emergente que reencontra a sua grandeza passada e cujo papel político, económico, científico e, porque não, religioso se vai tornando cada vez mais importante no decurso deste século XXI. Um século de mundialização, em que vemos perfilarem-se os contornos dessa **noosfera** anunciada por Teilhard.

Ao reencontrar o seu poder de outrora, a China entra ao mesmo tempo na modernidade, naquela modernidade científica, tecnológica, política, mas também religiosa, forjada pelo Ocidente. Para ilustrar esta entrada da China no diálogo inter-religioso, dou como exemplo o artigo que acabou de nos ser distribuído «*Heureux comme Dieu en Chine*» e que apresenta uma obra de dois investigadores do CNRS francês, saída recentemente, que nos anunciam nada menos que, em 2050, a China poderá bem ser o país cristão mais importante da Terra.

Sem dúvida que este colóquio internacional poderá elucidar-nos sobre este aspecto. É, pois, com enorme curiosidade que espero o desenrolar dos nossos trabalhos e desejo que todos vós igualmente aí encontrem motivos de grande interesse.

(alocução de encerramento)

Eis-nos chegados ao fim deste colóquio internacional sobre *A China na mundialização cultural e religiosa*, colóquio tão bem organizado pela Associação portuguesa e, podemos afirmar, que a colheita se salda por uma grande riqueza, tanto pela qualidade das informações produzidas como pela profundidade das análises. Estas disseram respeito tanto à China, ao seu lugar no mundo em construção, à influência da sua cultura na elaboração do pensamento de Teilhard, como à marca que esse pensamento exerce ainda hoje sobre o espírito dos chineses.

Na primeira mesa redonda, procurámos captar, com o Prof. Oliveira e Costa e Georges Ordonnaud, a exacta medida da realidade chinesa na sua dimensão histórica e civilizacional. Um império com 22 séculos baseado numa imensa burocracia animada por uma elite meritocrática – os mandarins – elite cimentada por uma religião civil – o **confucionismo** – sem dúvida a mais perfeita das religiões produzidas pela humanidade.

Com Madame Cheynet-Cluzel aprendemos, numa segunda mesa redonda, que se esta religião civil se coadunava com o funcionamento do Estado chinês, ela não estava só. Coabitava, desde há dois milénios, com duas outras grandes tradições religiosas: o **taoismo**, fundado por Lao Tseu a partir do século VI antes de JC, e o budismo, religião vinda das Índias e introduzida na China no princípio do I milénio, religião progressivamente sinizada na sua versão dita do grande veículo ou *Mahayana*. E talvez esta coabitação pacífica de três tradições religiosas não seja estranha à capacidade da China de se abrir hoje à modernidade, como procuraram mostrar-nos Alex Wang e Gérard Donnadiou.

Depois de uma incursão de ordem científica, com o Prof. Telles Antunes e Marc Godinot, acerca do estado da investigação paleontológica na China no tempo de Teilhard até aos dias de hoje, interrogámo-nos sobre as influências recíprocas que podem ter ocorrido entre Teilhard e o meio cultural chinês, ao longo dos vinte anos passados neste país. Michel Baron esforçou-se por nos fazer partilhar uma tese muito sedutora segundo a qual, das três tradições religiosas chinesas, terá sido do taoismo que Teilhard se sentiu mais próximo, por este ter exercido nele uma espécie de fascínio panteísta. Foi para se defender deste panteísmo larvar que Teilhard terá então desenvolvido a sua visão do Cristo cósmico, do Cristo evolutivo, do Cristo Universal, reencontrando, assim, as marcas de S. Paulo e de S. João, legando-nos uma síntese teológica das mais cristocêntricas que existem.

Após estas altas especulações, Madame Haiyan Wang, professora na Universidade de Línguas de Pequim, fez-nos descer à terra chinesa recordando-nos a memória, ainda viva hoje, deixada por Teilhard junto dos geólogos e paleontólogos chineses, de cuja primeira geração havia sido o formador. Numa China que se desenvolve e se aburguesa, os locais pré-históricos explorados por Teilhard tornam-se, nos dias de hoje, pontos turísticos, não sendo raro encontrarem-se aí referências ao grande sábio sob a forma de fotografias, levantamentos, cartas geológicas, etc.

Deste modo, a memória de Teilhard na China permanece bem presente, sendo reconhecido como um grande cientista do século XX. Memória que permanece igualmente presente na Rússia, como pude constatar por ocasião de uma manifestação internacional organizada recentemente em Paris pela *Maison des Sciences de Russie* para celebrar 150º aniversário do nascimento de Vladimir Vernadsky, o pai da biosfera, em que se fez demorada referência a Teilhard.

Enfim, é para nós uma grande alegria verificar que a Igreja católica, ao mais elevado nível, retomou a visão religiosa do Padre Teilhard para dela fazer um dos elementos da nova evangelização. Deste modo, pouco a pouco, o rosto luminoso de Pierre Teilhard de Chardin vai-se revelando para a posteridade: visionário da ciência, precursor da prospectiva e renovador da cristologia.

Assembleia Geral Ordinária

Realizou-se, no dia 19 de março passado, a AG ordinária que, além de aprovar o relatório e contas de 2012 e o orçamento e plano de 2013, elegeu os novos corpos sociais para o triénio 2013-2016. As únicas alterações que se verificaram relativamente à composição anterior foi na constituição da Direcção, cujo Presidente passou a ser o Prof. Michel Renaud, o Vice-presidente o Eng^o Frederico de Melo Franco e a Vogal a Prof^a Maria José Oliveira Lopes Gonçalves.

Retiro Anual da AAPTCP

O 7^o Retiro anual da nossa Associação teve lugar nos dias 21-23 de junho passado, como sempre na Casa de Exercícios de Santo Inácio, ao Rodízio – Praia-Grande, sob a orientação do Padre Vasco Pinto de Magalhães sj. Houve 37 participantes, sendo aproximadamente metade nossos associados. Como habitualmente, celebrou-se a Eucaristia no sábado à tarde, com leitura dos textos de «A Missa sobre o Mundo», de Teilhard de Chardin. Desta vez não fomos para as arribas mas sim para a Casa do Graal, defronte à Casa de Exercícios, que possui um magnífico terraço do qual se pode igualmente contemplar o mar.

Comemoração das datas de nascimento e morte de Teilhard de Chardin

Este ano, esta comemoração foi incorporada à missa que se celebrou no Conventinho da Arrábida, no fecho do Colóquio «Teilhard e a China», conforme se faz referência mais acima.

Teilhard de Chardin e Duns Scoto

Está em preparação uma mesa-redonda em que um teólogo franciscano e um teólogo jesuíta apresentarão, respectivamente, o pensamento crístico de Duns Scoto, centrado no «primado absoluto de Cristo», e o de Teilhard de Chardin, centrado no Cristo Universal. Este encontro decorre da aproximação destes dois pensamentos, como sobressaiu dos diálogos nos anos 40 em Pequim entre o Padre Teilhard e o Padre franciscano Gabrielle Allegra. Em princípio, este encontro deverá decorrer nas instalações da Ordem franciscana, em Lisboa, esperando-se que o diálogo que se seguirá às conferências seja animado e de grande riqueza.

Logo que sejam conhecidos os nomes dos conferencistas e do moderador, bem como a data e local, informaremos os nossos associados e outros amigos de Teilhard de Chardin.

Exposição itinerante «François d'Assise, Teilhard de Chardin et François Cheng»

Após a realização, em 2010, em Assis, dum grande colóquio que abordou a proximidade das espiritualidades franciscana e teilhardiana, a Associação francesa, pela mão do comissário Remo Vescia, organizou uma exposição itinerante com este conteúdo, que tem vindo, desde então, a percorrer o território francês e francófono europeu. Para apresentação prévia do evento, foi realizado um DVD de enorme qualidade e interesse, o qual foi visionado na manhã do segundo dia do nosso recente Colóquio em Lisboa «Teilhard e a China». Este DVD espelha a proximidade do poeta chinês de naturalização francesa, François Cheng, à mística de Teilhard e de Francisco de Assis. Nele se combinam imagens de excepcional beleza, a leitura de poemas de François Cheng e textos de Francisco de Assis e de Teilhard de Chardin.

Para um visionamento por parte dum público mais alargado, está em preparação uma sessão para que serão oportunamente convidados os amigos de Teilhard de Chardin, em Portugal.

ORANDO com Teilhard de Chardin

Oh Cristo Jesus, vós incorporais verdadeiramente na vossa benignidade e na vossa humanidade toda a implacável imensidão do Mundo. E é por isso, por essa inefável síntese realizada em vós, daquilo que nem a nossa experiência nem o nosso pensamento teriam jamais a ousadia de reunir e adorar: o elemento e a Totalidade, a Unidade e a Múltiplo, o Espírito e a Matéria, o Infinito e o Pessoal, - é pelos contornos indefiníveis que esta complexidade dá à vossa Figura e à vossa acção, que o meu coração, arrebatado pelas realidades cósmicas, se entrega apaixonadamente a Vós !

Amo-vos, Jesus, pela Multidão que se acolhe a Vós e que, unida a todos os outros seres, ouvimos, quando Vos estreitamos fortemente, murmurar, orar, chorar.

Amo-vos pela transcendência e inexorável fixidez dos vossos desígnios, pela qual a vossa doce amizade se matiza de inflexível determinismo e nos envolve irrecusavelmente nas pregas da vossa vontade.

Amo-vos como Fonte, Meio activo e vivificante, Termo e Saída do Mundo, mesmo o natural, e do seu Futuro.

Centro onde tudo se reencontra e que se distende sobre todas as coisas para as reunir a si, amo-vos pelos prolongamentos do vosso Corpo e da vossa Alma em toda a Criação, pela Graça, a Vida, a Matéria.

Jesus, doce como um Coração, ardente como uma Força, íntimo como uma Vida, Jesus em quem me posso fundir, com quem devo dominar-me e libertar-me, amo-vos *como um Mundo*, como o Mundo que me seduziu, e sois Vós que os homens, meus irmãos, mesmo os que não crêem, vejo-o agora, sentem e procuram através da magia do grande Cosmos.

Jesus, centro em direcção ao qual tudo se move, dignai-vos dar a todos, se possível, um pequeno lugar entre as mónadas eleitas e santas que, desligando-se uma a uma pela vossa solicitude do caos actual, se agregam lentamente a Vós na unidade da nova Terra...

Viver a vida cósmica é viver com a consciência dominante de que se é um átomo do corpo do Cristo místico e cósmico. Quem assim vive não atribui importância a uma imensidão de preocupações que são absorventes para os outros; vive mais além e o seu coração está sempre mais ao largo...

Este é o meu testamento intelectual.

24 de Abril de 1916. Quinta-feira de Páscoa.

Fort-Mardik (Dunkerque)

(Oração no final de "La Vie cosmique", T.XII, pág. 80/81)

LA PENSÉE de Teilhard

« A bien prendre les choses, une seule attitude est permise au Christianisme en face de la montée persistante, et en partie légitime, de la Religion du Tout : faire face directement à la magique grandeur qui se découvre, — la surmonter, la capturer, et se l'assimiler. Puisque la crise religieuse actuelle naît de l'antagonisme entre le Dieu de la révélation surnaturelle d'une part et la grande figure mystérieuse de l'Univers d'autre part, la paix ne s'établira dans notre foi que si nous parvenons à comprendre que Dieu et le Cosmos ne sont pas de véritables ennemis, — qu'il n'y a pas entre eux opposition, — mais qu'une conjonction est possible entre les deux astres dont les attractions divergentes risquent de déchirer nos âmes. Pour convertir et pacifier la terre, aujourd'hui, il faut voir et faire voir aux hommes que c'est Dieu lui-même qui les attire et les atteint à travers le processus unificateur de l'Univers.

Cette tentative est-elle possible? — Certainement. Mais à une condition : c'est que nous comprenions avec tout le réalisme voulu le mystère de l'Incarnation.»

«Panthéisme et Christianisme», 1923, Tome X, p.82-83)

Pierre Teilhard de Chardin

Faça dos seus amigos, amigos de Teilhard de Chardin.

Divulgue a AAPTCP

VISITE O NOSSO SITE www.portugal.teilhard.org